

# INFORMAÇÃO E FORMAÇÃO DE LEITORES NO CENÁRIO DE UMA EDUCAÇÃO NEOLIBERAL GLOBALIZADA

Mirian de Albuquerque Aquino \*

## Resumo

Discute o conceito de informação como perspectiva de formação, refletindo sobre as novas tecnologias no contexto de uma sociedade pretensamente globalizada. Visualiza a construção de um projeto político-pedagógico, em conjunto com trabalho interdisciplinar, que atende aos interesses de leitores e trabalhadores na construção da própria cidadania.

## Palavras-chave

INFORMAÇÃO  
FORMAÇÃO DE LEITORES  
COMPETÊNCIA LEITORA  
CIDADANIA

As discussões desse final de século, assinalam as grandes transformações que mudam a paisagem das atividades econômicas e das relações sociais, políticas e culturais, e trazem também mudanças tecnológicas e de informação e *uma trova denuncida tios sistema de ensino e de formação* (TREIN, 1996). As tecnologias de informação passam a ocupar também esse sistema, e a produzir resultados diferenciados, que não somente interligam os vários espaços de produção de conhecimento, mas também expõe a sociedade a uma cultura minimizada, principalmente para as maiorias com menor acesso aos conhecimentos difundidos pela escola formal.

Essas mudanças, se por um lado, alteram significativamente o perfil da sociedade brasileira, por outro lado, estabelecem diferenças cujas linhas definidoras da exclusão social, já então consolidadas no projeto neoliberal, que singram as águas profundas da educação nacional. Desse modo, essa realidade já firmada num projeto específico para a educação, estrategicamente neoliberal, atinge, igualmente, a formação de leitores. Segundo Perry Anderson (apud GENTILLI, 1995), a estratégia neoliberal, política e ideologicamente, está consolidada, não restando mais o que fazer a não ser nos adaptar a suas normas. Entretanto, argumenta Gentilli, para que o neoliberalismo tenha sucesso deverá criar um novo marco simbólico-cultural que exclua ou redetina seus princípios vazios de justiça e igualdade. Do nosso ponto de vista, adaptar-se, não implica manter uma convivência harmoniosa, significa, sim, visualizar nesse hermetismo neoliberal, as porosidades e as brechas a partir das quais as reflexões se tornam possíveis.

Para Silva (1996), as estratégias neoliberais reservadas para a educação precisam ser compreendidas como parte de um processo internacional mais amplo conhecido como globalização que pode ser conceituada como uma configuração histórico-social no âmbito da

---

\* Professora Adjunto do DBD/UFPB

qual se movem os indivíduos e as coletividades, ou as nações e as nacionalidades, compreendendo grupos sociais, classes sociais, povos, tribos, clãs, etnias, com as suas formas sociais de vida e trabalho, com as suas instituições, os seus padrões e os seus valores (IANNI, 1997, p. 38). Esse processo modifica mais ou menos realidades conhecidas e conceitos estabelecidos, e em pouco tempo, intensifica e generaliza a adoção das tecnologias nos meios de comunicação e informação, o que influencia a maneira pela qual as coisas, as gentes e as idéias desterritorializam-se, como errantes do novo século (IANNI, 1997, p.42).

As forças decisivas, pelas quais se dá a globalização do mundo, tem como base processos sociais como capitalismo que se mostra como um *modo de produção e um processo civilizatório* que não somente desenvolve e mundializa as suas forças produtivas e relações de produção, mas desagrega, cria e recria instituições, padrões e valores sócio-culturais, formas de agir, sentir, pensar e imaginar. Nesse amplo cenário, globalizam-se as relações, os processos e as estruturas que configuram a filosofia empresarial e corporativista de mercado e planejamento, as técnicas produtivas e as formas de organização do trabalho social (IANNI, 1997, p.40).

O neoliberalismo como uma forte expressão do globalismo, se manifesta não somente na redefinição das instituições social, política e econômica, mas na reelaboração das próprias formas de representação e significação social, cristalizando as formas de pensar a sociedade e a nós próprios como *sujeitos* sociais. O arranjo neoliberal, instituído, *envolve* a criação de um espaço em *que* se torne impossível pensar o econômico, o político, o social (SILVA, 1996, p. 16), o educacional, o lingüístico e o pessoal fora das categorias que justificam o capitalismo. Os imperativos capitalistas concebem a informação (saber) esvaziada do seu conteúdo político e social, uma informação sem formação (FREIRE, 1994), submetida á lógica do mercado neoliberal e interesses dominantes, com a exclusão das maiorias.

Ao pretender que a informação seja organizada com a esterilização dos conteúdos formativos para as maiorias, o projeto neoliberal dicotomiza a educação, e secciona a (in)formação, passando a dar privilégios aos que sempre usufruíram desses privilégios, alijando a maioria de seus direitos sociais. Esses direitos têm sido colocados, em termos práticos, constituindo a formação *de homens e mulheres* para o processo produtivo (FREIRE, 1994, p. 167).

Segundo Gentili, (1995, p. 243) a educação transforma-se - apenas para as minorias - em um tipo específico de propriedade, o que supõe: direito a possuí-la materialmente; direito a usá-la e desfrutá-la; direito a excluir outros de seu usufruto; direito de vendê-la ou aliená-la no mercado; e direito de possuí-la como fator gerador de renda.

E justamente nesse ponto que emerge a necessidade de os educadores e demais profissionais, que interagem com a informação, se deslocarem de seus estreitos limites de participação para buscarem alternativas capazes de driblar os tentáculos dessa política que atinge as instituições, as práticas de sala de aula, apagando as informações de mundo e experiências sociais que os desprivilegiados trazem para a escola.

A concretização desse intento, requer de cada um de nós a ancoragem num projeto político-pedagógico crítico, que nos permita refletir sobre os efeitos dessa prática utilitária e ameaçadora que impedem o surgimento de práticas formadoras de novos leitores críticos. O objetivo utilitarista é produzir leitores que atendam aos requisitos básicos da leitura da sociedade contemporânea que enfatiza o aprendizado mecânico de habilidades de leitura, ao mesmo tempo que sacrifica a análise crítica da ordem social e política que dá origem á necessidade de leitura em primeiro lugar (FREIRE, 1990, p. 95).

Freire entende que essa formação não pode dar-se na limitação acríica e asfixiante dos especialismos, pois somente se concretiza na medida em que se ultrapassamos os limites de um saber puramente utilitário e compreendemos o conceito ou o sentido da formação. A informação recebida somente extrapola o ato de receber quando recria a recepção que

transformada em produção do conhecimento do comunicado se transforma em informação.

Pensarmos a informação como formação é pensarmos a leitura como um direito da classe trabalhadora. Entretanto, esta não é tarefa fácil, já que a leitura da elite já está definida. Na formação dos trabalhadores-leitores, está implicada a percepção da leitura em seu conteúdo formativo. Essa visibilidade propõe a leitura como um ato político, molhado de criticidade, que exige tanto o domínio da técnica quanto a reflexão em torno de a quem, de que, contra que se acham estas ou aqueles procedimentos técnicos (FREIRE, 1995).

Nessa perspectiva, estamos considerando a informação também como um ato de leitura, de natureza política e social. A informação não é algo que apenas alguns possuem, mas se configura como possibilidade coletiva. Esta compreensão de informação somente alcançará o seu verdadeiro sentido, quando nos tornamos leitores e submetemos a nossa prática a uma análise crítica e rigorosa, permitindo, assim, o deslocamento do *senso comum à consciência filosófica*

Sem esse movimento, estamos correndo o risco de deixar o poder produzir a sua verdade do próprio saber, sem contestá-la, minimizando a nossa própria capacidade de exercitarmos o poder de ler ou de sermos leitores produtivos e formativos. O poder de ler ou desejo de ler também nos remetem a outras leituras, ou seja, a informações que nos tornam leitores não exclusivamente para atender as nossas necessidades individuais (se é que lemos), mas também para saber escolher o conteúdo (in)formativo que propicia a formação de novos leitores.

O conteúdo informativo peculiar a essa formação não está somente circunscrito aos textos teóricos pertencentes ao campo das Ciências Sociais, da Linguística, da Filosofia, da Teoria do Conhecimento, da Pedagogia, da Biblioteconomia ou da Ciência da Informação, mas circula através de leituras que se propõem não simplesmente a continuar a leitura do contexto, mas também nele intervir.

Distanciando-nos de perspectivas que reduzem os possíveis espaços propiciadores de condições de produção de leitura através das quais o leitor pode "deslizar" sobre o texto de leitura, apontamos para uma perspectiva discursiva, dialógica e formativa na qual o sujeito histórico-social relaciona texto/contexto.

A formação do leitor, nessa perspectiva, deve ser uma experiência de decisão, de ruptura, de conhecimento crítico. Essa formação implica as condições de acesso à leitura, o direito à informação. A formação do leitor não pode reduzir-se a si mesma, mas deve se contemporanizar com o processo democrático e da própria cidadania que, no nosso entender, passa pela competência leitora.

As condições para que o leitor se torne competente, não depende exclusivamente do conhecimento gramatical, mas da soma de outras competências - a do poder-saber (conhecimento teórico-metodológico) do professor, a da vida das escolas (prática de sala de aula) e da vida do mundo (experiências sociais significativas). Segundo Demo (1996), a competência docente não passa pela reprodução de práticas, mas pelo pensar essas práticas, no caso aqui, as práticas de leituras e sempre *aprender a aprender* com elas.

A competência leitora do professor implica informação com formação, ou seja, um saber-poder como resistência, estratégia, confronto, luta, produção de verdade que, no caso da relação professor-aluno não pode ser reduzida ao treinamento puramente mecânico das habilidades de ler/escrever, nem se esbarram nas lições gramaticais, mas se alonga da leitura até a discursividade. Um projeto de leitura desse porte, implica assumir-se como cidadão, exige um poder-saber político gestado na prática de por ela lutar a que se junta a prática de sobre ela refletir (FREIRE, p.146). A formação do leitor na direção da cidadania requer uma formação não estritamente técnica nem exclusivamente política, mas uma formação plena, polivalente, multidisciplinar, uma informação sem deformação.

# **INFORMATION AND THE FORMATION OF READERS IN THE SCENARIO OF A NEO-LIBERAL GLOBALIZED EDUCATION**

## **Abstract**

*Discusses the concept of information as a perspective of formation and reflects on the new technologies in the context of a supposedly globalised society. Visualises the construction of a political-pedagogical project, as an interdisciplinary study which addresses the interests of worker-readers in the making of citizenship itself.*

## **Keywords**

**INFORMATION  
FORMATION OF READERS  
READING COMPETENCE  
CITIZENSHIP**

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

DEMO, Pedro. **ABC - iniciação à competência reconstrutiva do professor básico**. Campinas: Papyrus, 1995.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**: Rio de Janeiro: Graal, 1995.

FREIRE, Paulo. **Cartas à Cristina**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.

FREIRE, Paulo e MACEDO, Donald. **Alfabetização - leitura do mundo/ leitura da palavra**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

GENTILLI, Pablo. Adeus à escola pública - a desordem neoliberal, a violência do mercado e o destino da educação das maiorias. In: GENTILLI, Pablo (Org) **Pedagogia da Exclusão - crítica ao neoliberalismo em educação**. Petrópolis: Vozes, 1994.

IANNI, Octavio. Observações sobre o globalismo. In: SINGER, Paulo (Org). **Modernidade: globalização e exclusão**. São Paulo: Imaginário, 1996.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A "nova" direita e as transformações na pedagogia da política e na política da pedagogia. In: GENTILLI, Pablo, SILVA, Tomaz Tadeu da (Orgs), **Neoliberalismo, qualidade total e educação: visões críticas**. Petrópolis: Vozes, 1994.

TREIN, Eunice Schilling. Educação e trabalho no contexto de uma economia globalizada. Reunião Anual da SBPC, 48. 1996. **Anais...** São Luiz, 1996, v. 1.